

O imaginário cultural da água no filme *Curral*: tensões-reflexões desde o cinema de engajamento

Paiva, André Luiz dos Santos ¹

Albuquerque, Hidelbrando Lino de ²

Carvalho, Mário de Faria ³

RESUMO

A partir dos movimentos-sensações possibilitados pelo filme *Curral*, propomos neste ensaio questões relacionadas ao imaginário da água, à cultura em seus desdobramentos e ao engajamento através do cinema. Nesse sentido, nosso objetivo é examinar as categorias 'cultura' e 'água' como temáticas possíveis à produção do cinema de engajamento no filme *Curral* com vistas para pensarmos o imaginário cultural da água. Para isso, lançamos mão de um caminho metodológico que, em diálogo constante com o poético, passa por teorizações acerca do imaginário, da cultura e por possibilidades de questionamento de dinâmicas de dominação, tudo isso costurado pela narrativa do filme que elegemos como ponto de partida que se encontra, aqui, com os demais fluxos mobilizados pela escrita. A pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo exploratória (Gil, 2008), onde propomos um percurso metodológico guiado pelo sensível com vistas para os Estudos Culturais (Frow, Morris, 2006), pensado, de início, de modo poético e imbricado com as contribuições teóricas para esta escrita. Os resultados da pesquisa-experiência-escrita sinalizam que, movidos por imagens outras do pensamento e cientes da incompletude deste escrito e das dobras possíveis que a narrativa fílmica de *Curral* suscita, propomos um percurso que antes de desejar encerrar a temática da água aqui abordada, propõe a manutenção dos movimentos das águas da crítica e da experiência através ou a partir do cinema de engajamento.

Palavras-chave: cinema pernambucano; teoria do imaginário; cinema de engajamento

The cultural imaginary of water in the film *Curral*: tensions-reflections

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Professor Visitante no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Email: alz.paiva@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8251893992810416>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1887-9960>.

² Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando em Educação Contemporânea - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Email: hidelbrando.linoalbuquerque@ufpe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6482378721260389>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6162-6635>.

³ Universidade Federal de Pernambuco. Professor Associado Nível III do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste. Email: mario.fcarvalho@ufpe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9631923493264179>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7071-2586>.

from the cinema of engagement

ABSTRACT

Based on the movements-sensations made possible by the film *Curral*, in this essay we propose questions related to the imaginary of water, culture in its developments and engagement through cinema. In this sense, our objective is to examine the categories 'culture' and 'water' as possible themes for the production of engagement cinema in the film *Curral* with a view to thinking about the cultural imaginary of water. To do this, we use a methodological path that, in constant dialogue with the poetic, involves theorizing about the imaginary, culture and possibilities of questioning dynamics of domination, all of this stitched together by the narrative of the film that we chose as a starting point, which meets, here, with the other flows mobilized by writing. The research is a qualitative exploratory approach (Gil, 2008), where we propose a methodological path guided by the sensitive with a view to Cultural Studies (Frow, Morris, 2006), initially thought in a poetic way and intertwined with the theoretical contributions to this writing. The results of the research-experience-writing indicate that moved by other images of thought and aware of the incompleteness of this writing and the possible folds that *Curral's* filmic narrative raises, we propose a route that, before wishing to close the theme of water discussed here, proposes the maintenance of the movements of the waters of the criticism and experience through or from engagement cinema.

Keywords: Pernambucano cinema; imaginary theory; engagement cinema.

El imaginario cultural del agua en la película *Curral*: tensiones-reflexiones desde el cine de compromiso

RESUMEN

A partir de los movimientos-sensaciones posibilitados por la película *Curral*, en este ensayo proponemos cuestiones relacionadas con el imaginario del agua, la cultura en sus desarrollos y el compromiso a través del cine. En este sentido, nuestro objetivo es examinar las categorías 'cultura' y 'agua' como posibles temas para la producción de cine de compromiso en la película *Curral* con miras a pensar el imaginario cultural del agua. Para ello, utilizamos un camino metodológico que, en constante diálogo con lo poético, pasa por teorizar sobre los imaginarios, la cultura y las posibilidades de cuestionar las dinámicas de dominación, todo ello hilvanado por la narrativa de la película que elegimos como punto de partida que se encuentra aquí con los otros flujos movilizados



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

por la escritura. La investigación tiene un enfoque cualitativo de tipo exploratorio (Gil, 2008), donde proponemos un camino metodológico guiado por lo sensible con miras a los Estudios Culturales (Frow, Morris, 2006), inicialmente pensados de manera poética y entrelazados con las teorías de contribución para este escrito. Los resultados de la investigación-experiencia-escritura indican que movidos por otras imágenes de pensamiento y conscientes de lo incompleto de este escrito y de los posibles pliegues que plantea la narrativa fílmica de *Curral*, proponemos un recorrido que, antes de querer cerrar el tema del agua aquí tratado, propone el mantenimiento de los movimientos de las aguas de la crítica y la experiencia a través o desde el cine de compromiso.

Palabras clave: cine pernambucano; teoria del imaginario; cine de compromiso.

INTRODUÇÃO

*E a água que sacar será um tiro seco
E secará o seu destino secará
(Marisa Monte, 1996)*

Somos de acordo que o cinema possibilita movimentos-sensações outras para-com as pessoas que se permitem a experiência sensível. Em um universo de possibilidades, defendemos que a sétima arte pode: remeter-nos a músicas que nem sempre estão na trilha sonora do filme; nos provocar a ampliar-dimensionar o imaginário cultural para sair do nosso lugar-pensar comum; potencializar o pensar crítico como um convite ao engajamento, entre outras. Refletimos que foram essas possibilidades que nos ocorreram ao assistirmos ao filme *Curral* dirigido pelo pernambucano Marcelo Brennand e distribuído pela Pandora Filmes em 2021.

Consideramos que mesmo sem fazer parte da trilha sonora do filme *Curral* fomos remetidos à epígrafe deste texto nos versos da música *Segue o seco*, da artista Marisa Monte (1996). Ao tematizar o simbolismo da seca na música e em suas dobras deleuzeanas (2007) à questão da água, sentimos a potência simbólica que o recurso hídrico guarda como possível elemento catalizador da narrativa fílmica.

Sim. Estamos convidando a pessoa que lê este texto, a assistir ao filme *Curral* e a partir da experiência nos ajudar a pensar as seguintes questões: o



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

que dá a pensar o imaginário da água? o que compreendemos por cultura em suas dobras “cultura de massa” e “cultura popular” e “resistência”? Seria *Curral* um cinema de engajamento? É possível pensar um imaginário cultural da água no filme *Curral*? O que temos a considerar?

Se o convite não for aceito, talvez porque em meio às demandas da pessoa leitora com o “Cronos” não possibilite assistir ao filme *Curral*, refletimos que mesmo assim esperamos nos fazer compreender nas questões que lançamos para que nos ajudem a pensar algumas questões sociais-culturais-educacionais, suscitadas pelo filme e que envolve-contempla nossas concepções-construções teóricas sobre as categorias: imaginário da água, resistência, cultura, cultura de massa, cultura popular, cinema de engajamento, e outras possíveis.

Atentos ao fio de Ariadne que nos conduz desde a introdução desta escrita, organizamos a partilha por meio dos subtópicos: o imaginário da água; cultura, cultura de massa e cultura popular; *Curral*, um cinema de engajamento?; o imaginário cultural da água no filme *Curral*; entre águas e cinema de engajamento, as contribuições.

Tais tópicos constituem a problemática que emerge desta escrita-proposição, a saber: por meio do filme *Curral* é possível examinar as categorias ‘cultura’ e ‘água’ como temáticas possíveis à produção do cinema de engajamento?

Partilhamos que a pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo exploratória por concordarmos que

pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p. 27).

Por assim compreendermos, nosso percurso metodológico é guiado por uma abordagem sensível aos Estudos Culturais (Frow, Morris, 2006) por refletirmos que

seja qual for o futuro da “cultura”, fica claro que tanto um compromisso com a pesquisa empírica quanto um questionamento constante das estruturas sociais e políticas nas quais essa “pesquisa” é formulada e praticada continuarão sendo indispensáveis para um



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

campo com preocupações tão vitais quanto aos limites incertos da “arte” e da “vida cotidiana” nas sociedades mediadas” (Frow, Morris, 2006, p. 332).

Nessa concepção, o caminho teórico-metodológico para este trabalho foi pensado, de início, de modo poético, cantando com Marisa Monte (1996), Luiz Gonzaga (1947; 1964), Guilherme Arantes (1981) e Zé Ramalho (2005) imbricadas(os) com as contribuições teóricas de Gaston Bachelard (1997) e Gilbert Durand (1989) acerca das temáticas imaginação e imaginário; Edward Burnett Tylor (1920), Peter Burke (1989), Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (2002), Marina Soler Jorge (2006), Jesus Martin-Barbero (2003), Raquel Pacheco (2016), Roger Chartier (1995) e Marcos Ayla (2010) para dialogarmos sobre cultura, cultura de massa e cultura popular; André Luiz dos Santos Paiva (2022), Erico Oliveira de Araújo Lima (2017) e Marina Soler Jorge (2006) que nos ajudam a pensar o cinema de engajamento em seus desdobramentos; e Gilles Deleuze (1985, 2003; 2005 e 2007) que nos ajudou a pensar as considerações-reflexões suscitadas neste texto. Outros escritores-pensadores foram indicados de modo breve no corpus do texto a partir da escrita de pensadores que foram citados neste estudo.

Ao pensarmos a problemática apresentada em diálogo com o pensamento de artistas-teóricos-pensadoras(es) indicadas(os) neste excerto, refletimos que é possível tomar o filme proposto como objeto de análise com o objetivo de examinar as categorias ‘cultura’ e ‘água’ como temáticas possíveis à produção do cinema de engajamento no filme Curral com vistas para pensarmos o imaginário cultural da água.

O imaginário da água

Na obra *A água e os sonhos*, o filósofo Bachelard (1997) recorre à imagem da água como elemento condutor da imaginação. Por esse viés, a água nos remete automaticamente a “horizontes luminosos na prática da elevação imaginária, horizontes ‘deslumbrantes’, de ‘azul celeste’ e dourado” (Durand, 1989, p. 102) e ainda com Durand (1989, p. 102) integra os símbolos espetaculares associados como “a luz contra as trevas”.

Um “capital pensado do homo sapiens” (Durand, 1989, p. 10) que constituído da relação entre imagens-conjunto de imagens reside a compreensão do que entendemos por “imaginário”. Este que, de modo a integrar o imaginário da água (entre toda uma gama de possibilidades sensíveis) alude a elementos que integram o ritual presente na cultura religiosa



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

das pessoas. Neste imaginário é possível integrar simbolicamente, por exemplo, artefatos de barro que servem para guardar a água. Ao refletir sobre a relação água-artefato de barro, tais imagens imbricadas remetem às representações míticas de Gea e de Deus por guardarem a representação da vida. De modo a ampliar, seja como um utensílio da cozinha para guardar a água que mata a sede ou para cozinhar o alimento para saciar a fome ou mesmo na relação água-barro para transformar-se em material de construção (tijolos) que simbolicamente possibilitam pensar a casa e suas dobras como lugar de proteção da vida.

O barro relaciona-se, então, ao mitema patente dos mitos da Mãe terra e de Deus. Os demais artefatos de barro remetem, no conjunto, ao período mítico das potarias. Na antiguidade, os potes eram usados nos rituais sagrados ou para guardar os primeiros remédios, compostos para armazenar água, grãos e alimentos. Tais práticas se mantêm ressignificadas pela dimensão simbólica dos potes de barro vendidos em sua maior parte nas feiras livres.

As águas representam, simbolicamente, imagens isomórficas presentes na luminosidade, nas religiões, na água purificada, nas cores branca e azul, do sol, de Apolo, da coroa, das auréolas, do olho, da visão, da transcendência. Na mitologia grega, por descenderem das águas, remetem a Poseidon, deus das águas (ou Netuno, na mitologia romana).

Da relação entre o imaginário da água e em suas dobras – o armazenamento em artefatos de barro para as pessoas – cogitamos a relação simbólica semelhante representada pela relação água-artefato de barro = água-carro-pipa, presente no filme *Curral*. Água que também é representação simbólica da resistência e esperança do povo nordestino em regiões como o Agreste e presente no imaginário poético de artistas como Luiz Gonzaga com músicas, como *Asa Branca* (1947):

Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar' pro meu sertão

e *Triste Partida* (1964):

Sem chuva na terra
Descamba janeiro
Depois fevereiro
E o mesmo verão

Tais canções reunidas a da epígrafe deste escrito além de representarem simbolicamente a água (chuva, resistência) nos convidam a



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

pensar numa dimensão sensível a próxima categoria que é a “cultura” em seus desdobramentos. Em outros termos, ao pensarmos o imaginário da água dimensionado por meio da arte (em água-barro e em música) como elementos de resistência simbólica do Agreste, passamos a refletir sobre como a cultura “popular” relaciona-se também com esse pensar, posto que entendemos que água em nosso território nordeste envolve-relaciona-tematiza cultura.

Cultura, cultura de massa e cultura popular

Mesmo com marcas de um pensamento universalista, talvez devido ao período (século XIX), refletimos – de início – a categoria “cultura” a partir da contribuição do professor e antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, no livro *Primitive Culture* (1920). Para o professor-antropólogo, a cultura é compreendida numa dimensão etnológica mais ampla como “um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (Tylor, 1920, p.1). De modo a provocar a reflexão, consideramos que tal pensamento ainda é recorrente no cotidiano escolar atual durante as poucas aulas que são oportunizadas sobre a temática “cultura”. Em outros termos – a partir da experiência docente – uma concepção de cultura que foi conceituada no século XIX e que ainda se repete na educação básica em pleno século XXI.

Por outro lado, na academia a concepção de cultura não encontra terreno tranquilo, dada a complexidade da palavra. Peter Burke, por exemplo - em meio a constantes problematizações e reformulações acerca do termo “cultura”, reconhece também com considerável complexidade e imprecisão. Burke defende no livro *Cultura popular na idade Moderna* (1989) a compreensão de que cultura é “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados” (Burke, 1989, p. 11). Tal concepção avança com o pensamento de Tylor (1920), mas ao mesmo tempo abre outras inquietações por ainda manter concepções que mais homogeneizam do que promovem a diferença em várias dimensões.

Questões que, possivelmente, nos desviariam da proposta deste escrito posto que a intenção foi partilhar concepções iniciais acerca da cultura e em seguida mantermos seguros ao fio de Ariadne para manter a coerência textual e, dessa forma, relacionar o termo cultura com o que pretendemos neste



escrito no sentido de dimensionar-desdobrar a palavra em “cultura de massa” e “cultura popular”.

Para tematizarmos sobre a “cultura de massa” entendemos a necessidade de uma breve passagem-lembrança com vistas para as concepções dos pensadores Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno, expoente da Escola de Frankfurt: uma organização de pensadores envolvidos em um conjunto de concepções-críticas relacionadas com a cultura contemporânea, de modo a criticar a indústria cultural. Esta, segundo Adorno (2002) compreende que os recursos audiovisuais (jornais, filme, televisão, cinema, entre outros) mais favorecem a predominância da razão instrumental, da padronização das formas culturais, da produção social do gosto, da mistificação cultural, do pluriclassismo e da ideologia, que o despertam para a consciência crítica. Tais problemáticas, para Adorno (2002), refletem a preocupação do pensador ao criticar que “as massas uniformizadas estão tão pouco conscientes de sua própria transformação, da qual no entanto participaram tão convulsivamente, que não precisam mais de uma exibição simbólica dessa transformação” (Adorno, 2002, p. 117).

É do meio da indústria cultural que nasce a concepção de cultura de massa. Inspirado pelo pensamento marxista Adorno (e Horkheimer) perceberam-criticaram o negócio lucrativo que a indústria cultural produzia no sentido de atrofiar o pensamento, padronizar concepções, dominar nas dimensões econômicas, políticas e sociais ao favor do pensamento dominante.

Dessa forma, quanto mais os desejos dos grupos de dominação eram alcançados por meio do consumo audiovisual da classe operadora, mais aumentava o poder de alienar da classe dominante convergindo para o crescimento-fortalecimento da “cultura massa”. Esta que, conforme nos explica Marina Soler Jorge (2006), “estaria assentada na produção visando o lucro, o mercado, o grande público, e por isso não haveria identidade entre os produtores e os consumidores, nem possibilidade de criação ‘desinteressada’, ou de criação interessada” (Jorge, 2006, p. 176) em “consumir” de modo intenso produtos “ofertados” pelo mercado capitalista.

Ao criticarmos a indústria cultural-cultura de massa perfazemos um movimento por caminhos outros com vistas para a “cultura popular” a partir da qual refletimos que “o sentimento de in-cultura se produz historicamente só quando a sociedade aceita o mito de uma cultura universal, que é por sua vez o pressuposto e a aposta hegemônica da burguesia” (Martin-Barbero, 2003, p. 146). Tal sentimento nos direciona para um caminho de encontro com o que



manifesta o mito da cultura universal com vistas para um caminho ao encontro da cultura popular.

De modo a ressaltar pesquisas mais recentes, como a do historiador europeu Peter Burke publicada na obra *Cultura popular na idade Moderna* (1989), explicam que a concepção de cultura popular no século XVI “era a cultura de todo o mundo; uma segunda cultura para os instruídos e a única para os demais. Por volta de 1800 contudo, em muitas partes da Europa [...] haviam abandonado a cultura popular” (Burke, 1989, p. 62) possivelmente, influenciados(as) pelo pensamento cartesiano e pelo Iluminismo. Tal mudança na época gerou mudanças no âmbito da política, da economia e social mais em favor da razão que do conhecimento sensível.

Afetos as(aos) pensadoras(es) que dialogam conosco, como, por exemplo, o professor e antropólogo colombiano Jesús Martín-Barbero (2003) acerca dos estudos culturais concordamos que “foi com a formação do Estado moderno (século XVI) até à sua consolidação definitiva no Estado-Nação (século XIX), que teve início e se apoiou a repressão das culturas populares na Europa moderna” (Pacheco, 2016, p. 65) e ao nosso entender, também em países como o Brasil.

De modo a ressaltar entre os séculos XVII e XVIII, o abandono da cultura popular deu-se por meio da classe dominante reforçado pelo pensamento moderno cristão com vistas a “suprimir, ou ao menos purificar, vários elementos da cultura popular tradicional” (Chartier, 1995, p. 180-181) refletido pela negação dos valores culturais que até então era comum a todos. Tal prática afetou a educação, onde nossa experiência docente possibilita criticar a concepção folclorista, posto que segundo Ayala (1985, p. 9) “a cultura popular por muito tempo já foi chamada de folclore, em oposição aos conhecimentos e as tradições acadêmicas e intelectuais”.

No caminho contrário à concepção folclorista sobre cultura popular, encontramos nesse trajeto que se perfaz cultural pensadoras(es) brasileiras(os) que desde o século XIX (mesmo que em meio a algumas críticas-observações-concepções) vêm contribuindo para uma concepção mais valorativa da cultura. Segundo Ayala (1985), entre elas(es) estão: Celso de Magalhães (1849-1879) – que defendeu que “a poesia popular de origem portuguesa se deturpou ao ser transplantada para o Brasil” (Ayala, 1985, p. 12); José de Alencar (1829-1877), o qual defendeu que somos detentores de um Cancioneiro nacional “mais rico do que se presume” (Ayala, 1985, p. 13); Sílvio Romero (1851-1914) que ressaltou que “a cultura popular é mais



presente no meio rural e em cidades do interior” (Ayala, 1985, p. 14); além de Rodrigues de Carvalho (1867-1935) ao pesquisar o “folclore brasileiro” (Ayala, 1985, p. 14); Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) que defendia que “uma manifestação é folclórica quando, além de ser popular, constitui-se em sobrevivência. O folclore seria, portanto, uma manifestação do passado no presente” (Ayala, 1985, p. 14); e Mário de Andrade (1893-1945), que contribuiu com vistas para a “análise da estética popular e a fidelidade no registro da cultura popular (Ayala, 1985, p. 24-25).

Por outro lado, devido a modernização do Brasil, percebemos nas práticas cotidianas da política dominante o retorno do mito da cultura universal, posto que a intensificação da “industrialização, a partir dos anos 30 e, sobretudo, dos anos 50, só faz aumentar o temor dos folcloristas quanto ao desaparecimento das tradições populares, tornando-se mais forte seu empenho em registrá-las e em preservá-las” (Ayala, 1985, p. 19) e mais adiante a “censura dos movimentos culturais de encontro ao AI-5” (Chartier, 1995, p. 180-181) com a instalação da ditadura militar no Brasil.

Ao pensarmos a subtópica deste escrito (cultura, cultura de massa e cultura popular) relacionada com o filme *Curral* refletimos que “sobre a cultura popular no cinema brasileiro, podemos dizer que ela continua presente” (Jorge, 2006, p. 182) a ressaltar aspectos do cotidiano da cidade-campo em busca da água com recurso de resistência cultural em meio aos cenários-situações representadas na narrativa fílmica que nos leva a pensar o filme *Curral*, por uma perspectiva de cinema de engajamento.

***Curral*, um cinema de engajamento?**

A narrativa de *Curral* (2021) traz como personagem principal Chico Caixa, motorista da prefeitura de Gravatá – Pernambuco, cenário escolhido para a produção fílmica. No início da narrativa, o personagem é demitido por ser flagrado distribuindo água em vista da escassez hídrica em localidades não autorizadas pelo prefeito da cidade. Diante da situação que abre a narrativa fílmica, Chico Caixa procura a ajuda de um amigo da infância que é advogado. Este não dá esperanças a Chico com a intenção de usar a boa intenção do personagem para ajudar o bacharel a conquistar votos e assim eleger-se vereador da cidade. Durante a narrativa, entre outras práticas da compra de voto, a água é usada por Chico e o candidato a vereador como moeda de troca com a população. Dividido entre a necessidade financeira e seus princípios,



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

Chico se vê diante de dilemas socioeconômicas que o filme vai tematizar que nos chega como um convite a pensar o cinema de engajamento.

Com vistas para a concepção do que se compreende por “cinema de engajamento” entendemos tratar-se de uma produção que propõe com a narrativa fílmica contemplar-mobilizar questões-categorias que possibilitem a reflexão sobre subalternidade e criticar lógicas de dominação (Paiva, 2022). Categorias que, imbricadas, nos convidam a pensar a relação educação (dimensionada em todos os espaços de saber e circulação social) e aspectos políticos com vistas para uma pedagogia do olhar, direcionada para a (trans)formação de dada realidade. Consideramos que tais aspectos são ressaltados como o que assistimos no filme *Curral* e como a narrativa é tematizada-produzida.

Outro aspecto a comentar em diálogo com o filme *Curral* sobre o cinema de engajamento é que “além das temáticas com potencial crítico, esse cinema se direciona à inovação no que tange às práticas e significados predominantes na indústria cinematográfica” (Paiva, 2022, p. 23), ao passo que o cenário-contexto no qual o filme é produzido ou apresenta sua narrativa dista de lugares que participam da escolha de produtores de cinemas que retroalimentam a cultura de massa promovida pela indústria cultural.

Ademais, a narrativa fílmica eleita para a partilha possibilita observarmos que “as implicações entre a arte cinematográfica e os processos de subjetivação ficam explicitados, numa dinâmica que pode ser uma forte ferramenta para pensar e estabelecer relações com a realidade” (Paiva, 2022, p. 26) e a partir desse olhar dimensionar para o pensar crítico possível entre cinema e educação de modo mais engajado, político, sensível.

Ao possibilitar o pensar acerca do cinema de engajamento, concordamos que na interação filme-espectador(a), concebido na relação de uma pessoa que está fora e ao mesmo tempo dentro da narrativa fílmica enquanto espectadora, refletimos que se trata “de saber, por um lado, em que medida o cinema pode engajar-se no presente e nas experiências vividas e, por outro, de como ele pode suscitar engajamentos afetivos por parte do espectador” (Lima, 2017, p. 130) enquanto pessoa afetada pelo que assiste-vê diante da tela a partir de pontos-aspectos da vida cotidiana.



Assim, nessa interrelação que propõe pensar o cinema de engajamento, consideramos que a produção de filmes distancia-se de uma neutralidade cinematográfica e na mesma linha de pensamento concordamos com Jorge (2006, p. 179-180, grifo nosso) que “para conquistar o público, muitos cineastas não abrem mão de suas convicções “nacionais-populares” e da crítica à sociedade brasileira, mas passam a operar de forma mais livre com elementos do cinema comercial”.

Nesse contexto-cenário, entendemos que *Curral* integra pontos que nos levam a concebê-lo como cinema de engajamento por tensionar em sua narrativa os aspectos da política na relação entre água, sobrevivência e lógicas eleitorais, explicitando, desde a ficção, fricções com a realidade social externa ao filme que nos levam a pensá-la e nos engajarmos através do desejo de transformação.

O imaginário cultural da água no filme *Curral*

Refletimos que com o filme *Curral* talvez tenhamos nos sentido afetados pelo cenário escolhido para a produção fílmica, talvez a própria narrativa do audiovisual tenha nos afetado a partir das personagens envolvidas na produção, talvez o conjunto das imagens tenham nos remetido a lugares outros presentes em nosso imaginário social. Talvez...

Por assim compreendermos-sentirmos, em meio a tais possibilidades e outras mais em relação ao filme, vamos ao encontro de Deleuze (1985, p. 77) quando nos diz que “[...] com o cinema é o mundo que se torna sua própria imagem, e não uma imagem que se torna o mundo” no qual somos atravessados por afecções que mexem com nossos sentidos e que possibilita uma relação intersubjetiva entre as imagens e a pessoa que se encontra em experiência diante da tela. Afeta-inquieta pensar a dimensão da palavra *Curral* e com ela as dobras que o termo sugere. A intenção é construir para desconstruir onde, de início, entendemos com o pensamento dominante conceituado no dicionário da língua portuguesa: “curral sm 1. Lugar onde se junta e recolhe o gado” (Ferreira, 2001, p. 199).

Desconstruímos de modo breve o conceito de curral e na repetição da diferença propomos pensar o curral dimensionado para lugares de reunião semelhantes simbolicamente aos que o filme apresenta nos momentos de

reunião para acordos-compras de voto tendo como moeda de troca, por exemplo, a garantia do fornecimento de água para a localidade; a compra de votos, perfazendo assim o que o artista Zé Ramalho (2005) vai alertar nos versos da música *Admirável gado novo*:

O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
'E sonham com melhores tempos idos
Contemplam esta vida numa cela

“Cela” que também é confinamento. “Cela” em que o povo-gado pode vir a continuar sendo recolhido, se continuará recolhido. É o povo tentando fugir da ignorância, mas ao mesmo tempo, presos a acordos políticos-ilícitos que surgem com maior destaque em períodos de eleição em horários oportunos quando a Justiça está dormindo, em outros termos, ao cair da tarde, momento de juntar e recolher “o gado” para a compra de voto.

Ao dimensionarmos o título em suas dobras, o desejo de pensarmos o elemento catalisador da narrativa, que a nosso ver foi a água dimensionada em sua falta para as pessoas menos favorecidas, afetou-nos assistir à cena na qual o personagem Chico Caixa é flagrado distribuindo água para localidades que se encontram em situação de vulnerabilidade e necessidade do recurso hídrico, o qual em vista do flagra, antes de ser demitido, é agredido por servidores da prefeitura do cenário fílmico em Gravatá – PE.

A cena em sua singularidade cinematográfica constrange, incomoda e nos leva a refletir que “entre uma percepção perturbadora sob certos aspectos e uma ação hesitante” (Deleuze, 1985, p. 87) somos afetados por sentimentos que nos fazem por um instante esquecer a ficção que está diante da tela. Por causa da escassez da água, a humilhação, a falta de respeito com a outra pessoa.

Água que em um movimento que dista do imaginário da água na dimensão mítica, por exemplo, ocorre no filme *Curral* a partir da percepção das pessoas em sua relação com a cultura local forjada por objetos materiais e com as pessoas para uma “Fantástica transcendental”. “Esta expressão seria mais que um simples jogo de palavras se pudéssemos mostrar agora que essa função de imaginação é motivada não pelas coisas, mas por uma maneira de carregar universalmente as coisas como um sentido segundo” (Durand, 1989,



p. 260), como se fosse algo comum, universal, aceito na sociedade, e na realidade não é. Água vendida como moeda de troca em período eleitoral.

Assim, retomamos a epígrafe do texto para dimensionar as intenções anunciadas nesta escrita com vistas para a continuidade da reflexão sobre o imaginário cultural da água no filme *Curral* depois que relacionamos as categorias “água” e o “cinema de engajamento”. Ao passo que o personagem-candidato a vereador tentou tirar proveito do que Chico Caixa representava com a água, inicialmente, houve insucesso do personagem candidato no pleito eleitoral “secando”, assim, seu “destino” na política.

No imaginário do nordeste, a água também representa elemento de cultura de resistência para o povo nordestino. Em convergência com o filme, a água é abordada por meio do filme *Curral* em Gravatá – PE, a partir de onde “queremos também tornar pensável um campo mais amplo de táticas pelas quais o cinema pode afetar o real e tencionar os esquadrinhamentos dos territórios e as gestões de nossa vida coletiva, recompondo, assim, outras possibilidades de vida em comum” (Lima, 2017, p. 127), que perpassam pela cultura e como esta é performada destoando, por vezes, de percepções universais como é ressaltada na música *Planeta água*, do artista Guilherme Arantes (1981).

Ao passo que a água é utilizada para compra de voto em tempos de eleição, como ocorre na narrativa do filme *Curral*, é possível que o recurso hídrico seja dimensionado como um elemento de cultura de resistência em conflito com a compra de voto representada como o que a indústria cultural-cultura de massa procura fazer com pessoas que vivem em condições de acesso a bens culturais.

Entre águas e cinema de engajamento, as considerações

*Olha como a chuva cai
E molha a folha aqui na telha
Faz um som assim
Um barulhinho bom
(Marisa Monte, 1996)*



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

Refletimos com o filme *Curral* categorias que nos levaram a pensar o imaginário da água, resistência, cultura de massa, cultura popular, cinema de engajamento, entre outras possíveis em diálogo com o que se apresenta na epígrafe deste subtópico de despedida. Em outros termos, refletimos com a narrativa fílmica de *Curral*, tencionando a busca pelo “barulhinho bom” que a cultura provoca se desejamos avançar com o pensamento proposto pela indústria cultural, posto que nessa relação pessoa-cinema há subjetividades atentas ao pensamento crítico como quem consegue perceber além das dobras por não se contentar com a margem, o descrito, o que já está pronto.

A epígrafe sugere um esperar com as águas como a chuva esperada nas letras dos artistas Luiz Gonzaga, Marisa Monte e Guilherme Arantes porque cultura também pode ser entendida, ao nosso olhar e inspirados no pensamento de Deleuze (2003), como um termo em dobras que se desdobram a cada pensar sem fixar-se ou determinar a um sistema de signos mundanos, amorosos, sensíveis, materiais e artísticos (per)formados por pessoas imbricadas em um coletivo diverso disposto ao cultivo de múltiplos sentidos e possibilidades manifestos no corpo ou na concepção de algo simbólico peculiar ao grupo por meio da criatividade em meio a multiplicidade existente. A cultura não é individual, é criativa-coletiva, é original-exclusiva em seu ser-fazer, é diferente nas múltiplas diferenças. Por mais águas, por mais barulhinhos provocativos ao nosso pensar.

Ao pensarmos a relação cultura popular e cinema de engajamento, procuramos contribuir com o pensamento crítico por meio do problema social da dificuldade de acesso à água, esta que simbólica e culturalmente representa vida. Água que muitas vezes é questionada – de modo a ressaltar por pessoas nordestinas que sobrevivem no Agreste – se a Terra é realmente o *Planeta água* cantada na música homônima do artista Guilherme Arantes. Água que é resistência.

A água (ou a dificuldade de acesso a ela) é ponto de partida do filme *Curral* e se mantém no decorrer da narrativa fílmica denunciando problemas sociais presentes: nas localidades que sofrem com a falta do líquido; na dificuldade da distribuição dos carros-pipa devido a interesses políticos; como moeda de troca e promessa de campanha eleitoral; no cotidiano de pessoas menos favorecidas; na ausência de chuva; na caixa d’água do personagem principal; na falta de políticas públicas de acesso à água; na falta de compromisso de gestões públicas em relação aos problemas gerados pela seca; entre outras questões. O filme suscita o pensamento crítico e denuncia



formas abertas-veladas da desigualdade social pelas classes dominantes representadas no filme, o que nos mobiliza o pensar a produção do cinema de engajamento em sua contribuição para a educação através do audiovisual numa perspectiva crítica-reflexiva-sensível.

Deleuze nos diz que “a essência do cinema, que não é a generalidade dos filmes, tem por objetivo mais elevado o pensamento, nada mais que o pensamento e como este funciona” (Deleuze, 2005, p. 203). Nesse sentido, movidos por imagens outras do pensamento e cientes da incompletude deste escrito e das dobras possíveis que a narrativa fílmica de *Curral* suscita, dá-se também a possibilidade de novas lentes com vistas para a observação de personagens que participam do filme. Dinâmicas que o cinema de engajamento possibilita para as pessoas que desejam com a sétima arte algo a mais para além do prazer-fruição-abstração que produções audiovisuais sugerem. Refletimos que tais concepções renderiam outras dobras para outros textos ou produções artísticas com potencial de engajamento.

REFERÊNCIAS

Adorno, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Indústria cultural e sociedade**. Tradução: Juba Elisabeth Levy... [et al.]. — São Paulo Paz e Terra, 2002.

Arantes, Guilherme. **Planeta água**. Composição: Guilherme Arantes, 1981 Duração da música: 5min55s. Disponível em: <https://guilhermearantes.com.br/site/compacto-1981-planetaagua/> Acesso em 23 out. 2023.

Ayala, Marcos. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. São Paulo, Ática, 1985.

Bachelard, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Burke, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

Chartier, Roger. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico**, 1995 Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005> - Acesso em 26 out. 2023.

CURRAL. Direção: Marcelo Brennand. Produção: Marcelo Brennand, Bárbara



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

Maranhão, Carol Ferreira, João Queiroz Filho, Luiz Barbosa e Justine Otondo. São Paulo: Pandora Filmes, 2021.

Deleuze, Gilles. **Cinema**: a imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Deleuze, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

Deleuze, Gilles. **A imagem-tempo** (Cinema II). São Paulo: Brasiliense, 2005.

Deleuze, Gilles. **A Dobra**: Leibniz e o Barroco. Campinas, SP: Papirus, 2007.

Durand, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. Lisboa: Editora Presença, 1989.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição: Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia: Margarida dos Anjos... [et al] 4. ed. rev. ampliada – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

Frow, John. Morris, Meaghan. Estudos culturais. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Norma K. Denzin, Ivonna S. Lincoln. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2008.

Gonzaga, Luiz. **Asa branca**. Composição: Luiz Gonzaga, 1947, Duração da música: 2min49s disponível em <https://luizluagonzaga.com.br/asa-branca/> Acesso em 16 out. 2023.

Gonzaga, Luiz. **A triste partida**. Composição: Patativa do Assaré, 1964, Duração da música: 8min50s disponível em <https://luizluagonzaga.com.br/a-triste-partida/> Acesso em 18 out. 2023.

Jorge, Marina Soler. Cultura popular, cultura erudita e cultura de massas no cinema brasileiro. **Revista Cronos**, Natal-RN, v. 7, n. 1, p. 173-182, jan./jun. 2006 Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3196>. Acesso em: 11 out. 2023.

Lima, Érico Oliveira de Araújo. Quando a máquina ataca: notas sobre cinema e engajamento. **BRASILIANA – Journal for Brazilian Studies**. Vol. 6, n.1, Dezembro, 2017, p. 126-150. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/25627/154302>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>

Acesso em 10 out. 2023.

Martin-barbero, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

Monte, Marisa. **Segue o seco**. Composição: Carlinhos Brown. Álbum: Barulhinho bom, 1996, disco 1, faixa 10, Duração da música: 5min01s Disponível em: https://www.marisamonte.com.br/discografia_/barulhinho-bom/ Acesso em 22 out. 2023.

Monte, Marisa. **Chuva no brejo**. Composição: Moraes Moreira. Álbum: Barulhinho bom - Uma Viagem Musical, 1996, disco 2, faixa 03, Duração da música: 2min26s Disponível em: https://www.marisamonte.com.br/discografia_/barulhinho-bom/ Acesso em 23 out. 2023.

Paiva, André Luiz dos Santos. Cinema de engajamento, educação política e a imagem-pensamento. In: Carvalho, Mário de Faria; Silva, Everaldo Fernandes da; Paiva, André Luiz dos Santos. **Educação e cultura popular** (Organizadores). São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 19-45. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/educacao-cultura> Acesso em: 09 out. 2023.

Pacheco, Raquel. Cultura popular e perspectivas pedagógicas no cinema educação. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 22, mai-ago 2016, p. 64-81. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/257/pdf> Acesso em 16 out. 2023.

Ramalho, Zé. **Admirável gado novo**. Composição: Zé Ramalho, Álbum: Zé Ramalho ao vivo, 2005, Faixa: 10. Duração da música: 5min55s Disponível em: <https://www.zeramalho.com.br/cds/ze-ramalho-ao-vivo> Acesso 28 out. 2023.

Tylor, Edward Burnett. **Primitive Culture**. 6 ed. Londres: John Murray, 1920. Disponível em: <https://archive.org/details/primitiveculture01tylouoft/page/n7/mode/2up?view=theater> Acesso em 14 out. 2023.

Submissão em 30 de abril de 2024.

Aceite em 15 de setembro de 2024.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição
4.0

Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262728 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262728>